

Frágeis Aparências

NELSON CARVALHO MARCELINO

Frágeis Aparências

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marcelino, Nelson Carvalho

Frágeis aparências / Nelson Carvalho Marcelino. – 1. ed. –
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024.

ISBN 978-85-7591-859-3

1. Romance brasileiro I. Título.

24-232838

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão final do autor

bibliotecária: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 4

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

A todos aqueles que sofrem por não viverem o que são e se escondem nas suas Aparências que são frágeis, por serem mentirosas e impostas pela Sociedade que os acolhe, mas nem tanto, a custa de mais mentiras e fingimentos, em forma de máscaras.

MAL SECRETO

*Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;
Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!
Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!
Quanta gente que ri, talvez, existe,
Cujá ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa*

Raimundo Correia

S umário

Prólogo	11
O outono das paixões	15
20 de março de 1998 – 12h00 –Telefonema	20
Renato	23
Bia	26
20 de março de 1998 – 12h30 –Telefonema	28
Murilo	30
Cada um no seu quadrado	33
A festa, o encontro	35
O namoro	38
Ligia	40
E o palhaço, o que é?	43
27 de março de 1999 12h00 – Telefonema	47
21 de agosto de 2003 19h00	50
Dois diálogos	54
Diga onde moras e eu te direi quem és!	58
Atores e atrizes no teatro	61
Voltas e voltas	64
Será que também foram MENTIRAS?	69
Rendição	74
21 de agosto de 2003 – 23h30 – Telefonema	77

A reação do amigo **78**
22 de agosto de 2003 – 11h00 **80**
Anos de aparências **83**
A decisão **87**
Amigos, e de vez em quando, amantes **91**
À distância **94**
Dezessete anos depois **100**
Felicidade **104**
Mudança de ares **107**
O jantar **109**
Ana **112**
Em São Paulo, novamente **115**
Encontro nada casual no Rio **119**
Em São Francisco **122**
Relações etárias **126**
O suicídio **135**
Sem título **140**
Verão **142**
Gordofobia **146**
A revelação **151**
Incesto? **155**
Faz de conta **158**
O amor que não ousa dizer seu nome **160**
Do lado de dentro **163**
Mentira **167**
De fachada **170**
As aparências enganam **172**

P rólogo

O ser humano enquanto animal é maravilhoso, ainda que o consideremos apenas como organismo vivo, a ponto de se acreditar que a criação dessa unidade complexa, o corpo físico, só poderia ser obra de um ser divino. E se imaginarmos esse animal com inteligência, vontade e personalidade, capaz de criar cultura, chegamos à perfeição máxima, mas também temos que enxergar a sua fragilidade, a vulnerabilidade que é imposta a ele, enquanto sistema de sistemas, mas sobretudo, por suas relações com o ambiente, com a sociedade e com os demais seres humanos, nas suas individualidades.

Nossos personagens antes de tudo são seres humanos frágeis, que se relacionam em uma rede de fragilidades, uns alimentando as dos outros, nas suas fraquezas, transformando defeitos em qualidade de resistência para viver. O amor e as relações afetivas em geral, muitas vezes escondem frustrações e falta de aceitação da própria imagem, inseguranças, medos, dependências, e outras características menos nobres ainda.

E o que significa frágil? Quebradiço, efêmero, fraco, que necessita de cuidados para se conservar. Assim são os personagens que se encontram nesta narrativa. Ou, em sentido amplo, seres sujeitos a delinquir, cometer ou agir de maneira criminosa, praticar delitos uns com os outros, e na

maioria das vezes contra si mesmos, com a finalidade de se protegerem, enfim: gente.

As aparências e o esforço para mantê-las a qualquer custo, mesmo que ignorando a vida em suas possibilidades, podem ser muito frágeis também. Renuncia-se a vida plena e vive-se em rascunho, para preservar diferentes gêneros de aparência, e isso vai do autoengano, que talvez seja o mais alto grau de preservação da fragilidade, às máscaras usadas na relação a dois, com familiares e demais outros, mesmo que não sejam significativos, que se confundem e criam a impessoalidade da opinião pública, tão valorizada na vida social.

Aprovação, que significa não confronto de valores, e sua camuflagem necessária, talvez seja o que defina o maior anseio dos dias de hoje, e em nome dela se usam como desculpas a família, a religião, a sobrevivência profissional, todas elas com suas regras rígidas que não podem ser ultrapassadas.

Todo o esforço e dedicação são usados para que as pessoas se sintam aprovadas, não importando a violência contra elas mesmas, e com o outro, mesmo que seja significativo. E com isso, em nome da fragilidade não assumida e travestida de força de fachada, com a manutenção das aparências, as pessoas e vidas são destruídas, relacionamentos nascem já mortos, ou simplesmente são usados.

Busca-se a independência, a liberdade e a felicidade, sem perceber que está se recusando o próprio eu, e vivendo o mim, “objetificado” para que sejamos de acordo com o que pensamos que os outros idealizados pensam sobre nós, para aproximar os nossos comportamentos ao que esperam de nós, tudo em nome da aceitação abstrata, que não acrescenta nada, apenas tira, fazendo de nós pessoas vazias.

Vive-se (principalmente, os que não precisam se preocupar com as chamadas “necessidades básicas” do dia a dia, para sua sobrevivência), em um mundo de aparências para que sejam atingidas outras necessidades básicas essenciais para o ser humano como pessoa, como o amor, o carinho, o afeto, a empatia, e o interesse genuíno por si mesmo, pelo outro e pelo universo.

Somos cada vez mais seres descartáveis, usados e jogados fora, o que aumenta a nossa fragilidade, a necessidade de aprovação, o objetivo sempre buscado de manter “ as aparências, que enganam tanto quem se odeia, quanto quem se ama”, como diz o poeta na música, em relacionamentos sempre de fachada, o que faz girar a “Roda Viva”.

Cada personagem aqui tem algo de autobiográfico. Sou todos e nenhum deles de fato, inteiro. Meus amigos, familiares e conhecidos também estão presentes em cada um deles e em nenhum de modo específico, em particular. Todos nós fomos observados e retratados aqui, enquanto FRÁGEIS APARÊNCIAS que somos amalgamados em nossas fragilidades,

Temos cada vez mais hoje, em nossa sociedade o “Mal Secreto” da epígrafe, sendo vivido cotidianamente, e a “chaga cancerosa” nos corrói, mesmo sem sabermos, e mais ainda quando sabemos, e procuramos nos manter venturosos, para sermos aceitos e de alguma forma amados.

Nossa história é sobre isso. Vamos a ela.